

Modernamente inventou-se, que dos reclusos *31 por 73 se finaram de tanto penar nas cadeias de Azeitão*. É falso. Nem um só aqui morreu. Os livros do registo parochial não accusam um obito sequer de jesuita. Ainda conheci gente, que fallava da custodia d'estes padres como de cousa do seu tempo, ou muito proxima, sem dar noticia de maus tratos, ou mortes, e a tradição do povo ainda hoje não accusa nenhuma crueza, nem menciona a custodia como cousa fóra do ordinario encerramento.

Os obitos, que podem ter relação com a prisão dos jesuitas no palacio dos Aveiros são—*do comprador dos padres da Companhia*, registado assim no obituario parochial de S. Lourenço; durante a custodia falleceu repentinamente o desembargador Campos, encarregado d'aquella commissão de serviço real; substituiu-o o dr. Agostinho Machado Faria, que passados alguns annos foi mysteriosamente assassinado, sem que pudesse até hoje descobrir-se o auctor do crime.

Azeitão, Agosto de 1894.

JOAQUIM RASTEIRO.

Museu Municipal de Bragança

1. Projecto do Museu

«Nestes ultimos tempos tem-se desenvolvido muito entre nós o amor pelos estudos archeologicos, dando origem á criação de grande numero de museus, tanto publicos como particulares, aonde se vão reunindo todos os objectos da antiguidade que se encontram dispersos.

E bem é que os trabalhos da archeologia vão tendo o desenvolvimento que merecem, e que haja ainda quem se interesse em não deixar perder esses thesouros de subido valor para a historia de um povo e para o estudo da sua arte. A archeologia ministra ao homem muitos meios para a comprovação directa de innumerous factos que lhe servem de valiosos auxiliares para conhecer o meio em que vive e a historia do seu país.

E, alem da utilidade que tem como fonte subsidiaria da historia e das leis da arte, ella é ainda um esplendoroso campo de recreação para o espirito, levando-nos pela observação das ruinas e dos objectos antigos á contemplação do passado; põe-nos em contacto com elle, e habilita-nos a bem podermos avaliar dos caracteres, vida, usos e costumes do povo a que pertenceram.

Sobejos motivos ha, pois, para que os homens mais cultos na sciencia historica e que mais se interessam para bem conhecerem o passado

do país, em que vivem, sejam incansaveis em procurar e reunir, em todos os seus recantos, todos os vestigios da antiguidade, que a ignorancia ou a incuria tem no completo abandono.

E devemos dizer a verdade, que mal se explica como em Bragança, capital de um districto, onde as preciosidades archaicas são tão interessantes e em tão grande numero, não se tenha, até hoje, criado um museu municipal, á imitação do que teem feito muitos municipios como Santarem, Elvas, Extremoz, Figueira, Lagos, Faro, etc., não fallando nos do Porto e Lisboa, aonde se fossem reunindo todos esses objectos, que, mesmo nas suas immediações, se encontram em tanta profusão.

A criação de um museu municipal em Bragança impõe-se, portanto; é uma necessidade que a illustração e o character dos brigantinos não devem deixar por muito tempo de satisfazer, a não quererem incorrer nas justas censuras do mundo culto.

Não é a despesa que deve prender os representantes dos municipes, por isso que ella em pouco poderá importar, se se attender a que o museu se deve ir formando pouco a pouco, com a reunião dos varios objectos, á medida que se forem encontrando, e que a vontade dos individuos leve a offerecer para os tornarem conhecidos e evitar que se percam ou se deteriorem. Basta reservar uma pequena sala do edificio da camara aonde elles se vão juntando e colleccionando.

E d'esta maneira, em toda a occasião, haverá ensejo para apreciar sem muito trabalho os elementos archeologicos, ethnographicos, anthropologicos e de historia natural, pois de tudo deve conter, de todo o concelho e até do districto. Assim deve compôr-se de collecções de moedas, objectos prehistoricos, esculpturas, brasões, inscrições latinas e portuguezas, etc.; de instrumentos de lavoura, trajos caracteristicos, instrumentos musicos, aparelhos de caça e pesca, etc.; de cranios encontrados nos campos, esqueletos, collecção de cabellos, etc.; e finalmente amostras de madeira, productos agricolas, variedades de rochas, animaes embalsamados, etc.

Os museus locais, formados nestas condições, são indispensaveis para realizar um dos principios mais importantes da sabedoria, o *nosce te ipsum*. — ALBINO LOPO ».

(Do Norte Trasmontano, n.º 85, de 29 de Outubro de 1896).

2. Criação do Museu

«Em o n.º 85 do nosso modestissimo semanario, foi publicado um artigo do intelligente e illustrado tenente de caçadores 3, sr. Albino

Lopo, mostrando a utilidade e vantagens que para esta cidade adviriam com a criação de um museu municipal.

Como tudo que visa a engrandecimento e progresso parece que em Bragança só encontra o ecco do ridiculo, não supposemos, nem sonhámos sequer, que a ideia expendida pelo distincto official merecesse a minima parcella de consideração, do que resultaria ficar só elle com a gloria da exposição d'essa ideia tão nobre e, sobre todos os pontos, tão aproveitavel.

Enganámo-nos, porém, e nisso temos extraordinario prazer.

A camara municipal, attendendo ás razões ponderadas nesse mesmo artigo, e sob proposta do vereador *Sebastião dos Reis Macias*, resolveu, na penultima sessão, e por unanimidade, a criação immediata de um museu, numa das salas dos paços do concelho—emquanto não se torne indispensavel arranjar um edificio apropriado—onde se vão armasegando e colleccionando todos esses objectos que se encontram dispersos e perdidos por esta região, e que tanta luz podem derramar no estudo da archeologia, paleontologia, anthropologia, ethnographia, numismatica, em todas as sciencias, artes e industrias, finalmente, tanto antigas como modernas.

Nós, que ainda temos uma parte nessa gloria, alem de felicitar-mos o illustre vereador proponente, cuja boa obra será immorredoura, bem como a toda a vereação, que tão bem soube comprehender a importancia e nobreza da approvação d'essa proposta, que traduz a verdadeira ideia do progresso e civilização do povo brigantino, congratulamo-nos com todos os nossos patricios pelo valiosissimo melhoramento com que esta cidade acaba de ser dotada; pois não só nos vem despertar o amor pelo estudo, mas ainda nos garante a estabilidade d'esses preciosos monumentos que nos esclarecerão sobre os usos, costumes e religião dos varios povos que, em tempos remotissimos, habitaram a provincia de que somos filhos.

Honra, pois, a todos os obreiros da sciencia, ou que concorram para o seu desenvolvimento!»

(Do Norte Trasmontano, n.º 87, de 13 de Novembro de 1896).

*

Foi em sessão ordinaria de 4 de Novembro de 1896 que se realizou a criação do Museu. Eis a parte da respectiva acta que se refere á criação:

«Deliberou tambem a camara, por proposta do vereador sr. Macias, organizar um museu archeologico em uma sala dos paços do concelho, enquanto não obtenha edificio proprio; recolhendo-se e colleccionando-se alli os objectos que para esse fim forem offerecidos á camara.

Presentes á sessão: Luis Ferreira Real, vice-presidente; Pedro Augusto Lobo, vereador; Sebastião dos Reis Macias, vereador; Herminio Augusto Pereira, vereador; José Diogo de Moraes, vereador. O secretario da camara *Luis Manuel de Amaral*.

Nota—No orçamento organizado para o anno de 1897 foram votados 200,000 réis para as despesas do museu».

3. Congratulação da Camara do Mogadouro

«Para mostrarmos aos nossos estimaveis leitores a maneira como foi recebida no districto a criação do museu municipal d'esta cidade, apresentaremos a acta de uma sessão da camara municipal do concelho de Mogadouro relativa ao mesmo museu:

«Acta da sessão ordinaria celebrada pela camara municipal do concelho do Mogadouro em 12 de dezembro de 1896—Logar respectivo—Por ultimo foi presente á camara o officio do digno presidente da camara municipal de Bragança, em que sollicita o auxilio d'esta camara para contribuir por todos os meios para o desenvolvimento do museu archeologico districtal ultimamente criado por aquelle municipio. A camara, inteirada do assumpto, e tendo em consideração que a moderna escola historica é a base mais segura para o estudo dos problemas sociologicos, nascidos especialmente do actual desenvolvimento da sciencia anthropologica e ethnographica, e sciente de que a orientação social mais segura para a remodelação das differentes instituições de um povo dimana da sobredita escola, deliberou por unanimidade prestar todo o auxilio ao recente museu, colleccionando todos os elementos prehistoricos e historicos de mais ou menos valia para o referido estudo, e remettendo-os apenas sejam obtidos, ao excellentissimo presidente d'aquella municipalidade. Outrosim deliberou, que se lhe remetteste copia d'esta acta na parte respectiva, que fica sendo a resposta ao seu referido officio. Presentes á sessão: Francisco José Bartholo, vice-presidente; Eduardo Ernesto Faria, administrador; Paulo Manuel Cordeiro, Martinho José Felgueiras e Manuel José Pinto, vereadores. Simão José Alves, secretario.»

Por aqui vêem, não só a camara de Bragança, mas todos os brigantinos, que a criação do museu municipal é, bem que o não pareça,

um grande melhoramento; já porque dá ideia de um povo civilisado em toda a accepção da palavra, já porque ha de fazer convergir para esta cidade as vistas dos homens de sciencia, que, mais tarde, podem concorrer para o seu engrandecimento e progresso.»

(Do *Norte Trasmontano*, n.º 94, de 1 de Janeiro de 1897).

4. Primeiras acquisições do Museu

«É agradável ver como por toda a parte foi recebida a noticia da criação do Museu. É grande o numero de pessoas de todas as classes que tem mostrado a melhor vontade em concorrer para o seu engrandecimento. E da nobre classe artistica da cidade ha tudo a esperar para que a *secção das artes* seja condignamente representada, indo cada um deixar no *museu da sua cidade* um exemplar de um artigo da sua lavra, que mostre o seu genio, a sua habilidade, a perfeição e esmero do seu trabalho, e fique sendo ao mesmo tempo monumento visivel e palpavel para estudo, e ennobrecimento da terra.

Ahi vae a relação dos objectos que já, ha offerecidos ao Museu, e o nome dos que os offereceram, sendo certo, que segundo os elementos que temos, dentro em pouco tempo ha de possuir muitos mais, e alguns de grande merecimento historico.

Secção de archeologia.—O Ex.^{mo} Sr. Fonseca, de Outeiro, distincto amator de numismatica, offereceu ao nosso Museu 73 moedas de cobre, quasi todas portuguezas, e algumas de grande merecimento.

O nosso Ex.^{mo} amigo João Horta offereceu 5 moedas de cobre portuguezas.

O Ex.^{mo} Sr. Antonio Bernardo Teixeira offereceu uma moeda romana de prata encontrada em Vinhaes.

O Sr. tenente Albino Lopo deu para o museu uma moeda de ouro visigothica; 9 moedas de prata portuguezas, algumas de merecimento; 3 moedas de cobre romanas, sendo uma encontrada nas ruinas da Devesa de Villa Nova; 37 de cobre, portuguezas, pertencentes a diversos reinados; e uma de cobre dos reis de Leão encontrada no Castro de Avellãs.

Para esta mesma *secção*, o Sr. tenente Lopo offereceu uma mó romana, encontrada no Castro de Avellãs, e um *amuleto* achado junto da fortaleza da Villa.

O nosso Ex.^{mo} amigo e distincto alferes de caçadores 3, Mergulhão, mandou para o Museu, para exposição, 23 moedas, sendo 17 de cobre, quasi todas portuguezas; 4 de prata, sendo 3 portuguezas e 1 latina;

e uma *panoplia* constituída de interessantes e historicos objectos de Africa de grande merecimento.

O Ex.^{mo} Sr. José Julio Chaves de Lemos, distincto amator de numismatica, offereceu para o Museu 17 moedas, sendo 11 de cobre, em que se fazem notar 3 romanas pelo seu valor estimativo; e 6 de prata, em que apparece um *real branco* e outras bastantes curiosas.

O Ex.^{mo} Sr. Amaral, digno secretario da camara, e um trabalhador para o engrandecimento do Museu, deu a este 2 moedas de cobre, sendo 1 romana muito curiosa e encontrada nas ruinas do antigo castello de Alfandega da Fé.

O nosso amigo o Ex.^{mo} alferes de caçadores 3, Mario Aragão, deu ao Museu uma moeda de 1754 (X réis).

O Dr. Norberto, meritissimo delegado da comarca:—4 moedas de prata, sendo uma romana do tempo de Augusto, e uma bella amostra de *crystal de rocha*.

O reverendo abbade de Baçal, Francisco Manuel Alves, grande conhecedor e amator dos estudos archeologicos:—73 moedas, sendo 14 de prata e algumas romanas de muito valor estimativo, e as restantes de cobre, romanas tambem algumas, mas a maior parte portuguezas; um livro de missa, illustrado, de vinte e cinco millimetros de comprimento por quinze de largura e seis de espessura; uma espora antiquissima: um machado de pedra da *epocha neolithica*; 2 fragmentos de tijolo romano, apresentando um vestigios de ornatos; dois fragmentos de louça grosseira romana; 7 amostras lindissimas de *cristaes de rocha*; 3 amostras de minas de ferro, e um frasco contendo duas larvas bastantes notaveis.

Tenente Lopo:—alguns fragmentos de louça romana encontrados nas ruínas da Deveza de Villa-Nova.

Accacio Pereira:—uma moeda de cobre do tempo dos Philippes, e carimbada depois de 1640, encontrada junto das muralhas da Villa.

O Dr. Sergio Carneiro, meritissimo delegado na comarca de Carrazeda: uma linda photographia do *dolmen* do Villarinho, da referida comarca.

Antonio Joaquim Soeiro, 2.^o sargento de caçadores 3: 3 moedas, sendo uma de prata e as restantes de cobre, portuguezas e hispanholas, encontradas em Castello-Branco, do Mogadouro; e uma amostra de uma *mina de chumbo*, encontrada no sitio dos Olgos, termo da mesma povoação.

Manuel Maria Rodrigues, estudante do Seminario: uma interessante moeda de cobre romana, encontrada na mesma povoação de Castello-Branco.

Engenheiro Olympio de Oliveira Dias: uma moeda de prata hispanhola de 1756, encontrada na rua do Conselheiro Eduardo Coelho.

Aurelio Maria de Moraes Calado, distincto e illustrado amator de objectos archeologicos: 3 bellos exemplares de *machados de pedra da epocha neolithica*, encontrados no termo da Bemposta, do Mogadouro; um fragmento de *machado de cobre*, encontrado no mesmo termo; e 3 moedas de cobre, duas portuguezas e uma hispanhola.

Manuel de Mariz de Baçal, estudante do Seminario: uma espingarda de pederneira.

Secção de historia natural.—O Ex.^{mo} Sr. Mós Teixeira deu para o museu um bello exemplar de minerio de pyritede ferro encontrado numas escavações que se fizeram ao Moinho dos Padres, ao Sabor».

(Do *Norte Trasmontano*, n.^{os} 93, 94, 95 e 96, de Dezembro de 1896 e de 1, 8, e 15 de Janeiro 1897).

*

Alem dos objectos mencionados, tem-se já archivado outros no Museu, entre elles uma lapide funeraria romana, provinda da povoação de Castro de Avellãs (publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5652).

5. Regimen provisório do Museu

«Na sessão da camara de 4 do corrente mês, deliberou a camara, por proposta do vereador Sr. Sebastião dos Reis Macias, approvar para regimen provisório do museu, as seguintes instrucções, em quanto se não proceda á organização do respectivo regulamento:

1.^o O pessoal do museu é constituído, por um director, um secretario e um guarda;

2.^o O director será um dos vereadores ou qualquer individuo extranho á camara, por ella convidado para exercer este lugar, quando tenha prestado reconhecidos e revelantes serviços ao Museu e resida na localidade;

3.^o Desempenhará as funcções de secretario o secretario da camara ou um amanuense por elle nomeado;

4.^o O serviço do guarda será desempenhado por um zelador;

5.^o O desempenho de todos estes serviços é gratuito, podendo a camara, comtudo, gratificar, quando assim o entenda, o secretario e o guarda;

6.^o Na ausencia de qualquer d'estes individuos a camara providenciará á sua substituição, provisoria ou definitivamente, de modo que estejam sempre preenchidos os lugares;

7.º O director é responsavel para com a camara por todos os artigos existentes no museu. Deve promover o seu engrandecimento, superintender em todos os serviços respeitantes ao Museu, e annualmente elaborará um relatorio circunstanciado do movimento, propondo os melhoramentos que julgar convenientes para o seu desenvolvimento;

8.º O secretario é responsavel para com o director pela existencia, arrecadação e conservação de todos os artigos do Museu; devendo coadjuvára-lo em todos os serviços e fazer a escripturação;

9.º O guarda desempenha os serviços que lhe forem ordenados pelo director e secretario; e conserva em estado de asseio a sala do Museu;

10.º O Museu estará patente ao publico todos os domingos e dias santificados, desde o meio dia ás tres horas da tarde, sendo a entrada gratuita; e a igual hora ás quintas feiras, pagando cada visitante 50 réis para custeamento das despesas do Museu.

*

Deliberou tambem a camara nomear para director do museu o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, por ser o cavalheiro que maiores e mais relevantes serviços tem prestado ao Museu; para secretario, o d'esta camara; e para guarda o zelador sr. Pereira.»

(Do *Norte Trasmontano*, de 12 de Fevereiro de 1897).

6. Considerações geraes

Preferi transcrever na sua integra os precedentes artigos, a resumilos. Por elles verão immediatamente os leitores como a ideia da fundação de um Museu Municipal em Bragança germinou e expandiu.

São dignos dos maiores louvores: o Sr. tenente Albino Pereira Lopo, o Sr. vereador Sebastião dos Reis Macias com os seus collegas da Camara, a redacção do *Norte Trasmontano*, os primeiros doadores de objectos ao Museu, numa palavra, todos os que por qualquer modo contribuíram para a criação e princípio d'este.

Quando numa localidade existem assim pessoas illustradas, que se interessam pela patria e pela sciencia, ha tudo que esperar d'ellas.

Como director do Museu Ethnographico Português e redactor d-*O Archeologo Português*, não posso deixar de applaudir intimamente, e com todo o enthusiasmo, o que acaba de succeder em Bragança.

É natural que tão sympathica como util instituição não fique só em comêço, mas se desenvolva successivamente. Os estudos archeolo-

gicos são em verdade muito attrahentes: por meio d'elles pomonos em relação com as gerações de que proviemos, prestamos um tributo de respeito á sua memoria, sentimo-nos cada vez mais solidarios com a terra em que nascemos, admiramos os esforços do espirito humano para progredir, e de tudo isso tiramos fôrça e estimulo para nos não deixarmos morrer de preguiça.

Bragança, como capital de districto, e centro de grande área archeologica, merecia realmente um museu: este enriquecer-se-ha logo que, como já das noticias ha pouco transcritas se vae vendo, para elle convirjam as attenções de todos os que prezam a Terra Trasmontana, e desejam vê-la engrandecida. Em 1869 dizia, a respeito do territorio de Bragança, o sabio professor berlinês e patrono nato de todos os estudiosos da archeologia portugueza, o Sr. Dr. Emilio Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 349: *tota vero regio haec adhuc desiderat peregrinatorem aliquem doctum, qui ejus monumenta quasi e tenebris eruat*: «toda esta região necessita ainda de que algum douto a percorra, e como que arranque das trevas os monumentos d'ella». Depois de 1869 já alguma cousa se fez a bem da archeologia bragançana, como o provam os estudos de J. Henriques Pinheiro e Borges de Figueiredo: quanto porém não falta que fazer ainda! Aos que se interessam pelo novo Museu abre-se, pois, largo campo de que podem tirar muito fructo.

Com quanto todas as epochas da archeologia portugueza sejam interessantes, e haja necessidade de as estudar por meudo, todavia as que mais se impõem são as mais antigas, como a romana e a pre-romana, por conterem as origens, e estarem mais arriscados a desaparecerem totalmente os monumentos que d'ellas restam. Chamo por tanto para ellas em particular a attenção do Sr. tenente Pereira Lopo e dos seus dedicados amigos. O districto de Bragança está cheio de *castros*: nelles e nos arredores podem encontrar-se muitas preciosidades scientificas; o caso é proceder sempre com methodo na colheita. Perto da cidade não conheço antas, mas é provavel que as haja, como noutros pontos da provincia: a exploração de uma anta é de ordinario productiva, quando feita com todas as precauções e cautellas; instrumentos de pedra neolithica, dos mesmos tempos das antas, encontrar-se-hão com facilidade já no campo, já na mão dos aldeãos que os guardam quasi sempre como amuletos ou *pedras de raio*. Em Bragança ha um monumento pre-romanô muito notavel; refiro-me á *porca* que serve de base ao pelourinho da villa. Inscriptões e outros monumentos romanos descobrem-se ás vezes a fazer parte de muros de casas ou de templos, como muitas vezes os tenho descoberto: qualquer officio-circular neste sentido, dirigida pela Ex.^{ma} Camara aos reverendos parochos e a

outras pessoas de consideração, produzirá por ventura algum resultado proficuo.

A julgar do que diz Viterbo no *Elucidario*, I, 187 sqq., a actual cidade de Bragança não é muito antiga, pois data do tempo de D. Sancho I, que a fundou dentro da área da quinta de Bemquerença, que pertencia ao mosteiro de Castro de Avellãs. Esta quinta ficava num territorio extenso chamado BRAGANÇA, nome que depois se conservou limitado á nova povoação. O nome BRAGANÇA é muito antigo, e pôde sem dúvida estabelecer-se a fórma que devia ter na epocha luso-romana, isto é, **Brigantia*¹. Na antiga geographia e historia da Europa ha outros nomes apparentados com este², como: *Brigantia* ou *Brigantium* na Galliza, *Brigantion* na Rhecia, *dea Brigantia* na Irlanda, nomes que, segundo os especialistas, são de origem celtica; nas Asturias havia tambem uma cidade de nome *Brigaeccium*, que provavelmente se relaciona tambem com os precedentes (*Brig-aec-ium*). Alguns AA., levados da apparencia phonetica, tem imaginado que o nome da cidade de *Bragança* corresponde ao *Brigantium* da Galliza; mas tal não é. Assim como hoje ha no nosso país várias terras com o mesmo nome, por exemplo *Montemór*, *Vianna*, *Cadaval*, *Porto*, *Castello*, tambem antigamente succedia o mesmo; na Hispania havia, para não ir mais longe, umas poucas de Eboras. A repetição dos nomes dá-se sobretudo quando elles na origem foram communs, como parece ser o caso de *Brigantium*, e por tanto da nossa **Brigantia*, pois a cidade gallega de *Brigantium* chamou-se tambem *Iuliobriga*, fórma em que entra o radical de *Brigantium* (i. e., *Iuliobriga* = *Iulio-briga*): se os povos da epocha em que o nome *Brigantium* foi substituido por *Iuliobriga* não tivessem consciencia da significação contida em *Brigantium*, não se teria formado o composto *Iulio-briga*. Estes e outros factos, como *Augustóbriga* (= *Augusto-briga*), são pequenos documentos da coexistencia, durante certo tempo, das linguas indigenas da Peninsula com o latim, que finalmente as venceu e substituiu; não os vi ainda apontadas, e por isso os noto.

Ainda que a cidade de Bragança data só, como parece, da idade-média, o seu territorio data, como vimos, de mais longe: se este territorio tinha nome, — que era **Brigantia* —, ahi morava gente e havia

¹ Entre **Brigantia* e *Bragança* houve a fórma intermédia *Bregança*. O povo ainda hoje no districto diz *Brègança*, como muitas vezes lá ouvi pronunciar.

² Vid. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, I, s. v.

povoados. A *porca* do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella. Que interesse não adviria para a sciencia em buscar os outros restos da pre-romana *Brigantia!

O Museu ahi está fundado: que elle contenha d'aqui a pouco os materiaes indispensaveis para se poder recompôr nas suas linhas geraes a historia primitiva do territorio bragançano, são os meus mais ardentés desejos.

J. L. DE V.

Estudos sobre Panoias

Pelo que escrevi no *Arch. Port.*, I, 38, 39 e 271, sabem os leitores que em Panoias, freguesia de Valle de Nogueiras, ou Vallongueiras, perto de Villa Real de Trás-os-Montes, ha uma importante estação archeologica luso-romana, que tem merecido, desde o seculo XVIII, o aprêço e cuidado dos estudiosos.

Já por pedidos particulares a individuos influentes da localidade, já por um appêllo que no *Arch. Port.*, I, 271 e 272, dirigi á Ex.^{ma} Camara Municipal, tenho procurado conseguir que aquella estação seja convenientemente resguardada, e salva da completa destruição que a ameaça: por ora ainda nada obtive!

Em quanto o camartello do pedreiro não estraga tudo, irei aqui inserindo uma serie de estudos, a ver se, mostrando claramente a importancia dos monumentos, as pessoas a quem compete superintender nelles se resolvem a acudir-lhes.

1. Cavidades abertas em fragas

Que na estação de Panoias se realizavam cultos pagãos, não ha dúvida nenhuma, pois as inscripções o dizem; mas seria ella só destinada a esse fim? Eis o que não poderá saber-se, sem se proceder primeiro a algumas investigações.

Do relatorio do sr. engenheiro João Henrique von Hafe, a que me referi no *Arch. Port.*, II, 249, extráio a seguinte noticia:

«Copiei tambem, por estar mal representada na obra do Contador d'Argote, uma fraga, na qual se encontram cinco grandes cavidades rectangulares com rebordos destinados a receber lages ou tampas; não pude descobrir nenhuma d'essas tampas. Sobre essa fraga ha um